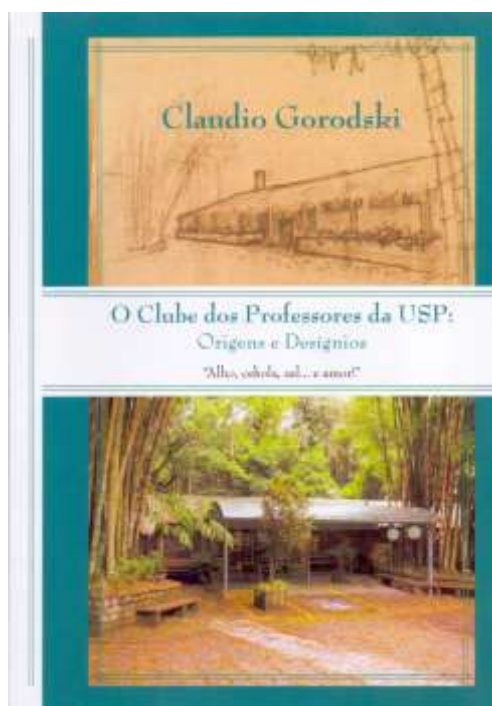


“O Clube dos Professores da USP: Origens e Desígnios” de Claudio Gorodski. São Paulo: Livraria da Física, 2021, 370 p.

Sylvio R. G. Horta & Jean Lauand (editores da RIH)

Acaba de ser publicado (maio de 2021), o documentado e saboroso livro de Claudio Gorodski, Professor Titular do Instituto de Matemática e Estatística da USP: “O Clube dos Professores da USP: origens e desígnios. Alho, cebola, sal ... e amor”, fruto de incansável pesquisa do autor. A obra pode ser adquirida na editora: https://www.livrariadafisica.com.br/detalhe_produto.aspx?id=150040&titulo=O+Clube+dos+Professores+da+USP.



A história do Clube dos Professores da USP (criado em 1986) se mistura com a história da Cidade Universitária. Não é possível falar do Clube sem mencionar o restaurante central e a situação alimentar do campus. A alimentação no campus, por sua vez, esteve muito ligada à política na Universidade. Este livro busca, num tom leve e às vezes

anedótico, contar uma história da Universidade sob o ponto de vista da alimentação, com referências documentais e entrevistas com a maior parte das principais personagens primárias.

A primeira parte do livro baseia-se em documentos escritos para contar a história. Entre outras coisas, discorremos sobre as origens nos Estados Unidos e Europa da ideia de “faculty club”, a criação dos serviços de alimentação na Universidade (COSEAS) e o movimento de fundação do Clube. Vemos a evolução do Clube lado a lado a Universidade; acompanhamos as mudanças de valores na Sociedade e a visão da administração da USP; e refletimos sobre a evolução dos conceitos da Nutrição. A segunda parte inclui dezoito entrevistas (selecionadas dentre mais de quarenta realizadas). Diversas escalas da hierarquia abordam o mesmo objeto, cada uma sob seu ponto de vista, e as narrativas complementam-se e enriquecem-se. Nesta parte, o componente humano e pessoal se faz mais presente. As entrevistas serviram para dirigir a busca dos documentos pelo autor, mas alguma contradição entre a memória das pessoas e os documentos escritos ocorre, sem maiores consequências.

O livro tem a pretensão de servir de testemunho do mérito dos trabalhadores e dirigentes que forjaram um experimento radical, inédito e único, que foi o Clube, e de preservar a história oral do local, que corria o risco de se perder. Ao analisar e discutir o glorioso passado da Universidade, ganhamos perspectiva para encarar os problemas presentes e o futuro.

(4ª. capa do livro)

O “Clube” foi extinto em 2016 e só quem vivenciou a experiência de frequentá-lo pode avaliar a magnitude da perda desse precioso espaço de convivência e de fecundo diálogo para os acadêmicos.



Equipe do Clube dos Professores: Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson, Lima com JL.

“Se este livro é um lamento? Ora, se podemos sucintamente reduzir a história a uma sentença, este livro pretende demonstrar que a terceirização do Clube dos Professores representa o marco simbólico do triunfo da gestão corporativa da Universidade de São Paulo sobre o espírito de colegialismo reinante na época da Maria Antônia” (p. 9).



O autor, Prof. Dr. Claudio Gorodski.
<https://www.ime.usp.br/~gorodski/personal/eu2007-1.jpg>

Nós, fundadores da *Revista Internacional d'Humanitats* e das demais revistas do Cemoroc-Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Feusp, pudemos continuamente testemunhar, ao longo dos trinta anos de sua existência, a imensa importância do Clube para a produção intelectual de nosso Centro: conversas, lançamentos, encontros, orientações de teses, reuniões editoriais, parcerias com colegas de universidades estrangeiras etc. ocorriam naquele ambiente, de excelência profissional e, ao mesmo tempo, extremamente acolhedor do Clube.



No Clube - Foto do Centro de Memória do Instituto de Química – USP
<http://memoria.iq.usp.br/>

Em 1999, os autores desta nota publicamos – em nossa revista *Videtur* – uma entrevista que realizamos com os garçons do Clube e tivemos o privilégio de ver que o Prof. Gorodski a aproveitou em sua monumental obra (pp. 126 e ss.), lisonjeando-nos ao qualificá-la de “preciosidade”. Reproduzimo-la a seguir:

Entrevista – “Não Há Fritas”: Garçon “nadando” no *Clube dos Professores da USP*

Videtur tem publicado uma série de matérias com profissionais (policial, comissária de bordo, dentista...) que mostram o “outro lado...”. Nesta entrevista, realizada em 9-11-99, *Videtur* (Sylvio Horta e Jean Lauand) conversa com Carlinhos Fidelis, Nicodemos Gomes e Raimundo Nonato, dedicados garçons do *Clube dos Professores da USP*.

V.: O “Clube dos Professores” é um restaurante único em São Paulo: além do alto nível de qualidade e do atendimento, ele está situado no meio de um grande bosque na “Rua do Matão” do campus da Cidade Universitária. Sempre que convidamos colegas estrangeiros, sobretudo europeus, eles ficam impressionados com a paisagem – e também, é claro, com as generosas porções servidas pela churrascaria. O *Clube* tem recebido personalidades de destaque – como o Imperador do Japão e o presidente de Portugal – e acolhe eventos etc. Como surgiu o Clube?

G.: A ideia do Prof. Goldemberg – o reitor que criou este espaço em 1986 – era (e é o que o Clube de fato realiza) a de ter um ambiente de diálogo e de descontração. Já a localização é privilegiada: a gente nem imagina que exista um lugar destes na cidade de São Paulo. No início, havia só este prédio (o do *self-service*), depois vieram o da Churrascaria e o Anexo, para reservas e eventos (como palestras, lançamentos, coquetéis e até já tivemos sessões dançantes organizadas pela ADUSP...).

V.: Naturalmente, vocês têm como clientela habitual um público diferenciado, composto de professores universitários; o que há de específico nessa clientela? Devem ocorrer, por exemplo, situações curiosas ou divertidas ao lidar com tantos docentes...

G.: Sim, de fato acontecem coisas engraçadas (não que fiquemos reparando, nem dá tempo...) e a gente até aprende aqui. Outro dia eu estava, como a gente diz, “nadando” (“nadar” em gíria de garçon é o corre-corre: nosso trabalho sempre é *pauleira*; é como nadar: não pode parar nem um segundo; não pode ter *rasgueira*, que, na nossa gíria, é quando o garçon é relaxado) e tive que “pagar um mico”: estava uma professora lá na mesa 29 e pediu fritas; eu fui na cozinha, voltei e disse: “Desculpe, professora, não tem fritas, não!”; ela imediatamente corrigiu: “Como ‘não tem fritas, não’? Diga: ‘Não há fritas’”.

V.: Já que entramos na gíria própria, qual é a gíria de garçon para “cliente chato”?

G.: Não, essa não tem...

V.: Por quê? Porque todos são...?

G.: Não, o pessoal aqui é muito bom!

V.: Mas, como em toda comunidade, o pessoal aqui (a começar por nós, entrevistadores, que também somos clientes assíduos do *Clube*) têm também suas manias e folclores. Por exemplo, tem (ou *há*) um colega – eu já presenciei isso -, não vou dizer de que Faculdade ele é – que todo dia, ao chegar aqui, repete um ritual: vai testando uma por uma as mesas; reclama que elas estão sem calço, reclama que o reitor não fez as coisas direito e, finalmente, senta-se na mesa “boa”...

G.: É, ele vem praticamente todo dia e quando senta pede sempre uma garrafa de água com gás, “a mais gelada que tiver”... Tem outro que tem mania de ficar abrindo todas as janelas...

Tem também uma professora – acho que ela é argentina – que todo dia pergunta se a picanha tá boa, se a picanha tá macia...; a gente responde que sim, que não muda, que é o mesmo fornecedor, que a picanha está ótima, e aí ela pede a picanha ou não...: “hoje eu vou mudar para filé!”.

Há alguns distraídos que esquecem celular, talão de cheques (tem um que sempre esquece, a gente tem que ir atrás...) etc. A gente até abriu um depósito de objetos esquecidos...

Engraçado foi no outro dia: a conta tinha dado uns 9 reais, mas o professor, ao preencher o cheque, olhou para o relógio, viu 14:15h e não teve dúvida: preencheu “quatorze reais e quinze centavos”. Aí tivemos que ir atrás dele, bater no vidro do carro e explicar que ele tinha se confundido etc.

V.: Com a experiência (eu sei que um de vocês até iniciou um curso superior de exatas...) dá até para ir identificando a Unidade a que pertence cada grupo de professores. Uma vez eu trouxe um grupo de jornalistas de outros estados para almoçar aqui e eles começaram, meio de brincadeira, a testar se nós, professores da USP, conseguíamos adivinhar pela cara, pelo jeitão (meio *nerd* ou *bicho-grilo* etc.) a Faculdade de onde procediam os colegas de outras mesas. Estava no grupo uma jornalista carioca – muito extrovertida – e, quando fomos pegar a sobremesa, ela saiu perguntando aos outros clientes (principalmente os casos em que havia maior certeza no palpite) de que Faculdade eles eram: e não é que – em alguns casos – deu na cabeça: Elétrica da Poli, “FAU ou ECA”, Economia, Geologia...

G.: É, a gente vai reconhecendo, pelo cabelo, pelo modo de vestir (rabo de cavalo, brinco, shortão...) e até pelas conversas, pelas piadas (naturalmente, até por ética, a gente não fica escutando, mas às vezes ouve ou mesmo é chamado a entrar na conversa...). Mas aqui sai de tudo: química, linguística, muita fórmula matemática y elevado a efe de x..., quer dizer: papo cabeça e assunto de aula. E muita política e

piada... Como em outros restaurantes, dirigem a nós, garçons, piadas e trocadilhos do tipo: “Vê um *chopps* e dois *pastel*” ou “Só por curiosidade: se fosse para pagar, quanto é que era?”, “Esse país não tem jeito: tanta gente boa na cadeia e vocês aí soltos” ou como aquele professor que ficou um bom tempo sem vir e quando voltou cumprimentou dizendo: “Oh, há quanto tempo! Você não foi mandado embora *ainda?*”. Outro fica mexendo com o cetim do paletó do Nonato etc.

Na churrascaria, além das formas comuns (mal passado, ao ponto e bem passado), às vezes recebemos pedidos mais complicados: a pessoa quer tostado por fora e vermelho por dentro, mas sem estar sangrando etc. Aí sobra para o Zé Carlos (o churrasqueiro)...

Para falar a verdade, o cliente aqui é muito mais compreensivo e educado do que em outros restaurantes... É muito bacana trabalhar aqui; há casos de professores que viajam para o exterior e lembram de mandar um cartão para a gente...

Como o senhor disse, vem muito convidado estrangeiro (a gente acaba aprendendo o básico de inglês e sempre tem algum professor que ajuda a fazer o pedido) e eles ficam maravilhados: outro dia vieram uns japoneses e em vez de comer ficavam contemplando o bosque; uma delegação de uns vinte chineses queriam saber – perguntaram em chinês, traduziram para a gente – por que o bambuzal (do estacionamento) era só para decoração e não aproveitávamos o bambu para os pratos...

São Paulo, maio de 2021